

A MINHA ANDORINHA

O MINISTÉRIO DA CULTURA

O que têm os portugueses, meu Deus do céu, pirri-ta a minha andorinha indignada, "contra a astrofísica?"

Não sei.

"E contra as mulheres?", continua ela, amuada, em voo rasante.

Menos ainda.

"E contra os filósofos?", persiste, numa espiral histórica de negro e de branco sobre a pilha de jornais do dia.

Ah, isso já sei. Mas, mal engato a primeira das elucubrações, já ela abalou, possuída por uma missão suicida de fazer cocó nas cabecinhas de quem tem dado por bem empregue o tempo e a tinta gastos em dizer mal da astrofísica Teresa Lago, para mais mal ainda poderem dizer do filósofo Manuel Maria Carrilho.

Para um estrangeiro parecerá estranho que se diga mal de uma pessoa que não se conhece, sobretudo quando só se conhece dela uma carreira académica brilhante e uma despreocupação completa no que toca a dar nas vistas de quem nada vê senão televisão e revistas de bizarras.

Para um português, infelizmente, o fenómeno está tão arreigado, tão absolutamente espocado no nosso ser; no tapete do pêlo grosso e suado do peito da nossa i-alma, que se trata da nossa primeira natureza. Falta saber apenas se haverá outra, segunda. Qualquer que seja, será, relativamente, magnífica.

O ódio perante a astrofísica Teresa Lago não é menos do que o ódio perante a própria astrofísica – como a qualquer astro – que não seja televisão brasileira ou barreira de astrologia. Já Mariano Gago, outra pessoa que cometeu o crime de ler e estudar, com a pretensão imperdoável de – palavra proibida, mas pode ser que passe – saber, foi vítima deste mesmo assalto de basbaques. Outras pa-

lavras proibidas, como "física" e "filosofia", são suficientes para pôr em polvorosa todos quantos se viram aflitos para passar as respectivas disciplinas nos liceus.

O pior é que piorámos. Antigamente havia uma saudável inveja, onde a desconfiança e o respeito se misturavam. Dizia-se do astrofísico ou do filósofo: "Teve sorte... tem estudos." Falava-se nos doutores da mula russa – mas, mesmo assim, muitas mulas havia menos estimadas do que a russa. As bestas, por exemplo. Hoje as próprias bestas, não contentes com mandar no curral, acham que têm uma carga positiva.

Chega. Quer se queira quer não, há pessoas cultas e incultas. Há pessoas instruídas e estudiosas e outras ignorantes e brutas. As cultas são uma em mil, se tanto. As incultas, 999. A diferença entre cultos e incultos é gritante. Os cultos sabem que sabem pouco ou nada. Os incultos pensam que sabem tudo – ou que é possível saber tudo. Os cultos perguntam. Os incultos afirmam. Os cultos hesitam. Os incultos avançam. Ou, para ser mais prosaico: os cultos gostam tanto de ler e de pensar que prescindem de quase tudo para terem tempo para isso. Os incultos – mesmo que gostem de ler – preferem fazer outras coisas. Essa é que é essa.

Os incultos não compreendem o que dizem os cultos – não por serem estúpidos, mas por serem in-

cultos. Podem ser jóias de pessoas, sérias e engraçadas, inteligentes e intuitivas – mas não percebem. Não podem perceber. Para eles, é grego. E eles não aprenderam a ler grego. Daí que uma pessoa culta diga, muito sucintamente, no que é grego para eles, que não acha que o queijo da Serra seja o melhor do mundo (por exemplo: porque não faz sentido; porque seria impossível chegar a essa opinião) e não possa ser entendida por eles.

Daí também que uma pessoa inculta possa encher três páginas de jornal com um belíssimo texto sobre a metafísica do queijo da Serra e fazer delirar todo o povo – incluindo as pessoas cultas, com instrução suficiente para tirarem partido do que lhes é alheio.

E porque é que são assim os incultos? É simples: não estudaram. Não leram. Não têm o treino de pensar. Não conhecem outros mundos. Não fazem ideia do que não sabem e não podem, mesmo se quisessem, saber.

Noventa e nove por cento dos jornalistas são incultos. Noventa e nove por cento dos políticos são incultos. A diferença para o resto do povo é apenas um zero a menos. É um entre cem, contra um em mil. São exceções piquenas a falar para o boneco de exceções mais piquenas ainda.

Veja-se, por exemplo, como se tratam as pessoas que estudaram normalmente – aquelas que foram capazes de fazer um doutoramento. Ora a verdade é que um doutoramento não só é fácil, como é dos poucos prazeres e oportunidades que a sociedade concede a quem tem vontade de estudar e um mínimo – minimíssimo, demasiado pequeno – de habilidade. Em Portugal, qualquer doutorado – sobretudo aqueles que se doutoraram cedo – é tratado como um cão. Em vez de se duvidar daqueles que meramente se licenciaram e foram logo à vida – porque tanta pressa para pôr fim ao que deveria ser o tempo mais propício da vida? – atacam-se as pessoas normais que completaram os estudos. Não haja qualquer ilusão nesta matéria: o doutoramento não é um prolongamento – é apenas a conclusão da educação de um jovem; o momento em que é instigado a produzir um primeiríssimo trabalho de investigação. Só com a apresentação da tese se é julgado conforme os critérios que nos foram dados.

Desculpem lá o mau jeito, mas é verdade: licenciar-se faz qualquer um (esqueçamos a multidão que nem isso conseguiu). Fora os poetas e artistas cujo talento seria assassinado pelo espírito académico, só as pessoas que se doutoraram se podem considerar minimamente educadas.

A diminuta lista dos doutorados na vida pública portuguesa é a lista dos mais atacados. Desde Salazar a Cavaco Silva. Desde Marcelo Rebelo de Sousa a Luís Filipe Menezes. Agora com Manuel Maria Carrilho e Teresa Lago. É que, tal como não se pode discutir que Teresa Lago é uma as-

trofísica (porque nos faltam os conhecimentos que outros, que os tinham, aplicaram quando a aceitaram) também não se pode negar que Manuel Maria Carrilho seja um filósofo. Ou seja: uma pessoa comprovadamente educada, culta e superior.

Podem, por exemplo, ter a certeza que, quando Carrilho e Rebelo de Sousa trocam insultos, fazem-no com a sabedoria límpida das opiniões pessoais, conscientes de todas as relatividades. Ou seja: insultam-se respeitosamente. Posto de outra maneira, para os "simples" que Guerra Junqueiro tão bem definiu: não levam a mal. A diferença política está acima da sabedoria – mas é preciso saber para saber isso.

Artur Santos Silva é, com certeza, uma excelente pessoa. É raro alguém ser unanimemente estimado, como ele, de facto, é. Conheço-o mal, mas o bastante para simpatizar muito e agradecer a Deus o facto de ele existir e o exemplo – para mais, desde há muito tempo, quando era coisa que não havia – que ele sempre deu, e dá.

Até agora, ao personalizar a sua demissão e ao lutar para que as consequências não sejam terríveis (convencendo muitos colaboradores dele a ficar) mostra que é um homem que põe Portugal, e os portugueses (e o Porto, glorioso, donde ambos houveram nome) acima das tricas dos jornais.

Mas – e aqui está a trágica incultura – isso nada diz sobre Carrilho. As bestas pensam que dizer bem de Santos Silva é dizer mal de Carrilho. Até pensam que, para dizer mal de Carrilho, até vale dizer mal de Teresa Lago. As bestas não percebem que, enquanto Santos Silva é uma figura unanimemente apreciada, Carrilho é uma pessoa sozinha. São as mesmas que disseram que Carrilho cultivava uma "corte" de bajuladores – mas onde estão eles agora?

Que eu saiba, foi só Eduardo Prado Coelho, que se atreveu a ser fiel à razão e ao amigo, com aquela sua desobediência criadora e inteligente que, nos tempos consensuais e chatarrões que correm, surpreendem e incitam o nosso espírito ensonado a acordar com mais perguntas do que as respostas velhas que, véspera após véspera, nos adormeceram.

Bastou este único desconcerto amável – limitando-se a dizer a verdade absoluta e perene que é "se calhar não é bem assim..." – para Santos Silva responder imediatamente. Repôs-se assim, mesmo no "Público", a unanimidade.

Só uma coisa não se percebe: onde está a tal imensa camarilha que Carrilho patrocinou e – lamentavelmente vi dizer – "comprou"? Nos jornais, entre as bestas, só se cheiram desejos de chacina e de linchamento. Ninguém defende o tão defensável Carrilho – o único ministro culto, original e valente deste século inculto, conformista e cobarde. Porque será? Espanta a preferência por quem se demite sobre aquele que o recrutou. Magoa, sobretudo, a ingratidão e a estupidéz. A alinhar pelas mesmas mais propriamente se diria que quem domina a opinião pública portuguesa é, afinal, o pobre e simpático banqueiro do BPI.

Volto à educação; desculpem lá. Artur Santos Silva pode ser um herói nacional, mas não é uma pessoa culta. Não leu, nem estudou, nem escreveu. É um excelente banqueiro; um homem sério; um excelente amigo. É pena, portanto, eu não ser amigo dele. É amigo de um grande amigo meu, que o adora com razão e sentimento – o António Barreto – mas, à parte um ou outro encontro ocasional no elevador do meu prédio, nunca tive a sorte de o conhecer.

Também não sou amigo de Manuel Maria Carrilho. Mas gostava de o ver, de vez em quando, no "Kremlin", ambos sempre sozinhos, de copos nas mãos. Falávamos de livros e de filosofia. Fiquei muito feliz quando aceitou ser ministro da Cultura. É um homem culto. Faz sentido. A obra dele – para além do ensino – enriqueceu a minha vida, a vida dos portugueses e a vida dos meus alunos. Mesmo o maior inimigo, o mais sacana que existir, imoralmente pronto a negar-lhe originalidade, conceder-lhe-á a importância de ter introduzido e interpretado, para bem de nós todos, uma longa série de filósofos e filosofias que melhorou o nosso estudo e tempo. A começar por Richard Rorty, que todos (mesmo as bestas no governo e nos jornais) ganhariam muito em ter lido – ou ler ainda.

Mas Artur Santos Silva não é culto. Não escreveu. Não contribuiu. Não lhe devo nada. É um banqueiro. Já Teresa Lago tem muito para me ensinar. Estudou. É astrofísica. Pensa a existência. Se calhar a sucessão Santos Silva/Teresa Lago foi a melhor coisa que poderia ter acontecido ao Porto 2001.

Quero que vocês se lixem – eu também posso ser culto, mas prefiro.



DANIEL LIMA

**NOVENTA E NOVE
POR CENTO DOS JORNALISTAS
SÃO INCULTOS. NOVENTA
E NOVE POR CENTO DOS
POLÍTICOS SÃO INCULTOS.
A DIFERENÇA PARA
O RESTO DO POVO É APENAS
UM ZERO A MENOS.
É UM ENTRE CEM,
CONTRA UM EM MIL**